A TERRA COMO ESPAÇO DA JUSTIÇA E PAZ DIVINA: UMA ANÁLISE ECOTEOLÓGICA DO SALMO 85,12-13

EARTH AS A SPACE OF JUSTICE AND DIVINE PEACE: AN ECOTHEOLOGICAL ANALYSIS OF PSALM 85:12-13

*Jonas de Souza Netto**

Resumo: Este estudo oferece uma contribuição ao campo da ecoteologia bíblica por meio de uma análise exegética dos versículos 12–13 do Salmo 85, conforme o texto da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS). Em um momento de crescente crise ecológica, a pesquisa realiza uma análise morfossintática e teológico-literária para argumentar que a "terra" (אֶרֶץ *'erets*) emerge como sujeito ativo da salvação, reavaliando os paradigmas antropocêntricos tradicionais. A verdade que brota do solo e a justiça que desponta dos céus configuram uma reciprocidade cósmica entre o divino e a criação, na qual a terra participa do drama redentor como parceira viva e fecunda. O estudo dialoga com autores como Jürgen Moltmann, Leonardo Boff, Norman Habel e Lynn White Jr., articulando uma espiritualidade enraizada na "terra" e fundamentando uma teologia bíblica da reciprocidade, justiça e paz. A pesquisa conclui que a frutificação do solo não é apenas uma bênção material, mas o sinal visível de uma aliança restaurada, propondo uma espiritualidade onde a justiça socioambiental e a redenção são dimensões inseparáveis da fidelidade divina.

Palavras-chave: Terra. Justiça. Paz. Ecoteologia. Salmo 85.

Abstract: This study offers a contribution to the field of biblical ecotheology through an exegetical analysis of verses 12–13 of Psalm 85, based on the Biblia Hebraica Stuttgartensia (BHS). In a time of growing ecological crisis, the research undertakes a morphosyntactic and theological-literary analysis to argue that the "land" (אֶרֶץ *'erets*) emerges as an active subject of salvation, re-evaluating traditional anthropocentric paradigms. The truth that springs forth from the soil and the righteousness that looks down from the heavens reveal a cosmic reciprocity between the divine and creation, in which the land participates in the redemptive drama as a living and fruitful partner. The study engages with authors such as Jürgen Moltmann, Leonardo Boff, Norman Habel, and Lynn White Jr., articulating a spirituality rooted in the "land" and grounding a biblical theology of reciprocity, justice, and peace. The research concludes that the fruitfulness of the soil is not merely a material blessing, but the visible sign of a restored covenant, proposing a spirituality in which socio-environmental justice and redemption are inseparable dimensions of divine faithfulness.

Keywords: Earth. Justice. Peace. Ecotheology. Psalm 85.

Introdução

A verdade brota da terra,
pois a justiça despontou dos céus.
O SENHOR também concede o bem-estar,
para que nossa terra conceda a produção dela.
(Salmo 85,12-13)

A "terra" (אֶרֶץ *'erets*), longe de ser um cenário passivo no drama da redenção, emerge no contexto do Saltério — e de modo singular no Salmo 85 — como um agente teológico vivo,

* Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP. E-mail: jonas@soboasnovas.com.br. https://lattes.cnpq.br/8181871968360792. Bolsista CAPES.

dinâmico e responsivo. Em um contexto global marcado pela crescente crise ecológica, este salmo — comumente situado por estudiosos no contexto pós-exílico, dado seu apelo à restauração nacional e à presença gloriosa de YHWH[1] — oferece uma teologia altamente relevante, desafiando visões antropocêntricas da salvação e propondo uma visão de salvação em que a criação é coparticipante no projeto divino.

Este artigo propõe uma abordagem ecoteológica do Salmo 85, com ênfase exegética nos versículos 12–13 da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS). Defende-se que esses versículos articulam uma cosmovisão integrada, na qual a "terra", como ente vivente, se engaja ativamente na efetivação da justiça e da paz. O salmista não apenas apresenta a "terra" como o espaço da salvação, mas a posiciona como seu sujeito, como evidenciado na poética do versículo 12: "a verdade brota da terra, e a justiça olha desde os céus". Essa imagem poética, mais do que um mero ornamento literário, expressa uma densa teologia da reciprocidade cósmica[2] — conceito que será aprofundado ao longo deste estudo — na qual céu e terra, divino e criação, atuam em profunda interdependência. Nesse horizonte, o artigo propõe uma espiritualidade do solo: relacional, comunitária e ecológica.

O ponto de partida desta investigação é a expressão marcante do versículo 12a: אֱמֶת מֵאֶרֶץ תִּצְמָח (*'emet me'erets titzmaḥ*), "a verdade brota da terra". Essa formulação desafia abordagens hermenêuticas que colocam a criação em segundo plano que relegam a criação a um papel secundário ou passivo diante da graça. Argumenta-se que o verbo "brotar" (צָמַח *tzamaḥ*) transcende uma metáfora agrícola, revelando uma simbiose salvífica onde a redenção não é imposta sobre a "terra", mas floresce com ela. Assim, a restauração da comunidade humana e a vitalidade do solo são compreendidas como manifestações simultâneas de uma única intervenção divina.

Sob essa perspectiva, a justiça (צֶדֶק *ṣedeq*), que "desponta dos céus" (v. 12b) e "prepara o caminho de seus passos" (v. 14a), não recai sobre um solo inerte, mas encontra uma terra que a acolhe e a traduz em frutificação. A criação, nesse quadro teológico, não apenas reflete o agir de Deus, mas se torna o espaço onde a salvação se torna visível — um verdadeiro *locus* da esperança. No Salmo 85, a justiça ambiental e a justiça social não são esferas distintas, mas expressões inseparáveis de uma mesma verdade (אֱמֶת *'emet*) que vincula o Criador à criação.

A "terra" não é um objeto passivo, mas um sujeito ético e espiritual que responde ao agir divino com fidelidade e abundância, como mostra o brotar da verdade (Sl 85,12) e na

[1] HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. **Psalms 2**: A Commentary on Psalms 51–100. 2005, p. 334.
[2] Conforme MOLTMANN, Jürgen. **O Deus da Criação**: A Doutrina Ecológica da Criação. 1991, p. 23–25 e HABEL, Norman C. **An Ecojustice Reading of the Bible**: Room for All Creatures. 2009, p. 61–63.

produção do fruto (Sl 85,13). A leitura ecoteológica aqui proposta identifica nessa dinâmica o fundamento de uma espiritualidade do solo, na qual o cuidado com a "terra" não é um apêndice ético da fé, mas uma dimensão constitutiva e ontológica da própria experiência salvífica. Esta é uma visão reconciliadora, onde salvação e ecologia se entrelaçam como aspectos indissociáveis da fidelidade de Deus que vivifica todas as coisas, conforme Moltmann[3] e Habel[4] propõem ao enfatizarem que a redenção divina inclui toda a criação e se realiza no horizonte da justiça cósmica.

Essa abordagem desloca paradigmas soteriológicos antropocêntricos, afirmando que a restauração da "terra" e da comunidade humana são duas faces de uma mesma realidade redentora. A análise exegética que se segue demonstrará como a própria gramática do texto sustenta tal visão: a terra faz brotar (תִּצְמַח *titzmaḥ*) a fidelidade, enquanto os céus se inclinam (שָׁקָף *nišqāf*) em direção à terra — não em juízo, mas em reconhecimento e resposta.

A leitura será conduzida à luz da ecoteologia contemporânea, em diálogo com autores como Jürgen Moltmann, Leonardo Boff, Norman Habel, Sallie McFague e Lynn White Jr., integrando os métodos da crítica literária e da teologia bíblica, com especial atenção ao paralelismo poético, à morfologia hebraica e ao contexto histórico do salmo. A metodologia utilizada nesta pesquisa combina análise exegética dos versículos 12-13 com base na estrutura teológica que sustenta ecoteologia,[5] fundamentando-se em uma abordagem morfossintática e teológico-literária do texto hebraico, bem como numa hermenêutica crítica sensível à crise ecológica contemporânea. O estudo ancora-se na análise do paralelismo hebraico, do léxico bíblico (BDB), da estrutura sintática da Bíblia (BHS), e no contexto histórico do salmo.

Neste artigo, o termo "terra" será apresentado entre aspas para indicar que sua compreensão ultrapassa a mera referência geográfica ou física. Com base na teologia do Salmo 85, a "terra" é compreendida como um sujeito ativo da salvação — não apenas o espaço que recebe a ação divina, mas um ente dinâmico, que responde à justiça e à verdade provenientes dos céus. Nesse sentido, ela simboliza a reciprocidade profunda entre o divino e a criação. As traduções bíblicas seguem a edição da Bíblia Paulinas,[6] as transliterações dos termos hebraicos

[3] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na Criação**: Doutrina ecológica da criação. 1991, p. 15-30.
[4] HABEL, Norman C. **Readings from the Perspective of Earth**: Earth Bible vol. I. 2000, p. 59.
[5] O termo **ecoteologia** refere-se a uma abordagem teológica que compreende a criação como participante ativa na revelação e na redenção, enfatizando a interconexão entre fé, justiça e cuidado com a Terra. Entre os principais formuladores dessa perspectiva estão Leonardo Boff (1995), com sua proposta de ecologia integral e justiça planetária; Jürgen Moltmann (1991), que desenvolve uma doutrina da criação centrada na presença do Espírito na totalidade do cosmos; Norman Habel (2000), que propõe uma leitura bíblica a partir da perspectiva da Terra; e Sallie McFague (1993), cuja teologia do corpo de Deus oferece uma crítica ao antropocentrismo e propõe uma espiritualidade ecológica encarnada.
[6] BÍBLIA português: **A BÍBLIA**. São Paulo: Editora Paulinas, 2023.

seguem o padrão SBL – Society of Biblical Literature, e as traduções de textos em línguas estrangeiras foram elaboradas pelo autor.

1. A construção teológica da terra no Salmo 85

> *Através da presença do Espírito, a criação deixa de ser um mero objeto para Deus e para o ser humano. Ela se torna o sujeito de seu próprio sofrimento e de sua própria expectativa. [...] A criação inteira se torna, para Deus, um parceiro na história que Ele vivencia com ela.*
> *(Moltmann)*[7]

No Salmo 85, o termo "terra" aparece quatro vezes no texto hebraico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS), por meio da palavra אֶרֶץ (*'erets*). Com um campo semântico amplo, esse termo pode ser traduzido, a depender do contexto, como "terra", "solo", "país" ou "região".[8] No poema, suas quatro ocorrências (vv. 2, 10, 12 e 13) marcam momentos teologicamente significativos e revelam uma progressão simbólica que amplia sua função narrativa e teológica. A análise dessas menções mostra que a "terra" não é apresentada como um objeto passivo, mas como sujeito dinâmico que participa da relação com Deus.

Como destaca Norman Habel, a "terra" nas Escrituras "deve ser tratada como um personagem com voz, que responde e interage com Deus, e não apenas como cenário passivo da história da salvação".[9] Nesse mesmo sentido, Walter Brueggemann observa que, na tradição bíblica, "a terra é um parceiro da aliança, envolvida ativamente no drama da fidelidade e da bênção".[10] Assim, no Salmo 85, a "terra" assume um papel simbólico e participativo no processo de restauração, alinhando-se à fidelidade divina e respondendo ao agir salvífico de Deus.

Este ponto demonstrará como a "terra", ao longo do salmo, transita de um espaço de eleição e favor divino (v. 2), à morada da glória (v. 10), até se tornar agente ativo na reciprocidade entre justiça e verdade (vv. 12–13). Trata-se de uma progressão teológica que revela uma visão integrada entre criação e salvação, em que a "terra" participa plenamente do drama redentor como espaço, símbolo e sujeito da fidelidade divina.

---

[7] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: doutrina ecológica da criação. 1991, p. 23.
[8] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005, p. 75.
[9] HABEL, Norman C. **Readings from the Perspective of Earth*: Earth Bible vol. I***. 2000, p. 25.
[10] BRUEGGEMANN, Walter. **The Land**: Place as Gift, Promise, and Challenge in Biblical Faith. 2002, p. 180.

1.1 A "terra" como agente da aliança (v. 2)

A primeira ocorrência se dá no versículo 2, que inicia com uma rememoração da graça divina, estabelecendo a "terra" como o foco do favor de Deus:

"SENHOR, favoreceste tua terra" (רָצִיתָ יְהוָה אַרְצֶךָ *Ratsîtā YHWH 'artzêkha*).

Neste contexto, "tua terra" (אַרְצֶךָ *'artzekā*) designa a "terra" de Israel como um espaço de eleição e pertença exclusiva a YHWH, não apenas como território físico, mas como lugar teológico de comunhão e fidelidade. Hossfeld e Zenger destacam que a "terra", no imaginário dos Salmos, "é o espaço da ação salvífica de Deus, onde se manifesta a aliança e a bênção para o seu povo".[11] A escolha do verbo רָצָה (*rāṣāh*), frequentemente traduzido como "ter prazer em" ou "acolher com favor",[12] reforça essa perspectiva ao apresentar a "terra" não como um bem inerte, mas como parceira ativa na dinâmica da aliança.

Como observa Brueggemann, "a terra não é um bem neutro, mas parte de uma relação de mutualidade entre Deus e o povo".[13] Essa perspectiva é consistente com outras passagens bíblicas, como em Levítico 26,34-35, onde a "terra descansará, pois obterá o saldo dos sábados dela" em resposta à desobediência de Israel, indicando uma capacidade de reagir à dinâmica da aliança. Conforme aprofunda Habel, "A terra não é apenas parte da aliança bíblica, mas ela mesma entra como parceira da aliança, com responsabilidades, reações e direitos".[14]

Assim, desde o início, a "terra" é apresentada como um sujeito teológico, cujo destino está intrinsecamente ligado à ação divina e à resposta humana. Em chave ecoteológica, essa concepção rompe com o paradigma antropocêntrico e reconhece na "terra" um valor intrínseco, em sintonia com o pensamento de Jürgen Moltmann, "a criação tem dignidade própria, anterior e independente da utilidade humana". [15]

1.2 A "terra" como lugar da glória e da salvação (v. 10)

A segunda ocorrência aparece no versículo 10, avançando na súplica e na confiança do salmista, a "terra" é reimaginada como o destino final da presença salvífica de Deus:

"Certamente sua salvação está próxima dos que o temem, para a glória morar em nossa terra" (כִּי קָרוֹב לִירֵאָיו יְשׁוּעוֹ לִשְׁכֹּן כָּבוֹד בְּאַרְצֵנוּ *kî qārôv līrē'āw yiš'ô, liškôn kāvôd be'artzênû*).

Aqui, a "terra" (אַרְצֵנוּ *'artzênû*, "nossa terra") torna-se o espaço da teofania, o lugar da habitação (לִשְׁכֹּן *liškôn*) e da manifestação da glória divina (כָּבוֹד *kāvôd*), pois, como afirmam

[11] HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. **Psalms 2**: A Commentary on Psalms 51–100. 2005, p. 323.
[12] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005, p. 953.
[13] BRUEGGEMANN, Walter. **The Land**: Place as Gift, Promise, and Challenge in Biblical Faith. 2002, p. 3.
[14] HABEL, Norman. **The Earth Bible:** Volume 1 – Readings from the Perspective of Earth. 2000, p. 63.
[15] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: Doutrina ecológica da criação. 1991, p. 30.

Hossfeld e Zenger, "a presença da glória de Deus na terra está estreitamente vinculada à habitação divina no meio do povo e à fidelidade da terra à aliança".[16] Assim, a "terra" não é restaurada apenas em termos agrícolas ou territoriais, mas se torna morada da presença divina, assumindo um caráter litúrgico e cósmico. Conforme Terence Fretheim observa, "a terra é um parceiro relacional, que responde à fidelidade ou infidelidade do povo de Deus".[17] Essa compreensão reforça a profunda conexão entre renovação espiritual e regeneração da "terra". Nessa linha, Moltmann afirma, "O mundo criado é o templo de Deus, e a criação inteira é o espaço de sua presença gloriosa".[18] Dessa forma, a restauração nacional e espiritual culmina na transformação da "terra" em um verdadeiro tabernáculo cósmico.

1.3 A "terra" como agente ativo da salvação (vv. 12-13)

A terceira e quarta ocorrências do termo אֶרֶץ (*'erets*), nos versículos 12 e 13, representam o ponto culminante da teologia da "terra" no Salmo 85. Esses versículos configuram o clímax poético e teológico do salmo, revelando uma terra que não apenas acolhe a ação divina (v. 2) ou abriga a glória de Deus (v. 10), mas que participa ativamente da dinâmica da salvação. A cena descrita é marcada por um lirismo denso e simbólico:

"A verdade brota da terra, pois a justiça despontou dos céus" (אֱמֶת מֵאֶרֶץ תִּצְמָח וְצֶדֶק מִשָּׁמַיִם נִשְׁקָף, *'emet me'erets titzmaḥ wəṣedeq miššāmayim nišqāf*) (v. 12).

Neste versículo, a "terra" transcende sua função de receptora e passa a ser descrita como um ente gerador. O verbo צָמַח (*tzāmaḥ*), "brotar", confere à terra uma potência produtiva, indicando sua vitalidade e capacidade de resposta à presença divina.[19] A "verdade" (אֱמֶת *'emet*) emerge da terra como fruto de sua interação com a "justiça" (צֶדֶק *ṣedeq*), que se inclina dos céus. Trata-se de uma cena de reciprocidade cósmica, em que céu e terra operam em convergência salvífica.

O versículo seguinte reforça esse movimento:

"Sim, o Senhor dará o que é bom, e a nossa terra dará o seu fruto" (גַּם־יְהוָה יִתֵּן הַטּוֹב וְאַרְצֵנוּ תִּתֵּן יְבוּלָהּ, *gam YHWH yittēn haṭṭôb wə'artzēnû tittēn yəbûlâ*) (v. 13).

Aqui, a relação é ainda mais explícita: a dádiva divina ("o que é bom") encontra resposta no ato fecundo da terra, que "dá o seu fruto". O paralelismo reforça a interdependência entre

[16] HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. **Psalms 2**: A Commentary on Psalms 51–100. 2005, p. 335.
[17] FRETHEIM, Terence E. **God and World in the Old Testament**: A Relational Theology of Creation. 2005, p. 67.
[18] MOLTMANN, Jürgen. **O Deus da Criação**: A Doutrina Ecológica da Criação. 1991, p. 25.
[19] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005, p. 855.

graça divina e resposta da criação. A terra é retratada como parceira responsiva e generosa, capaz de frutificar quando Deus age com bondade.

Essa visão está em consonância com a teologia de Jürgen Moltmann,[20] para quem há uma "reciprocidade entre o divino e o ecológico" como parte essencial da redenção. De forma semelhante, Habel[21] argumenta que a "terra" deve ser compreendida como um personagem com voz, que responde e interage com Deus — e não como um cenário inerte da história da salvação. Brueggemann[22] reforça essa ideia ao afirmar que, na tradição bíblica, a terra é parceira da aliança, envolvida ativamente no drama da fidelidade e da bênção.

A imagem da "verdade" que brota do solo e da "justiça" que desce do alto (v. 12), seguida da frutificação da terra (v. 13), simboliza essa sinergia entre dom e resposta, entre céu e chão. Para Ellen Davis,[23] os textos bíblicos frequentemente retratam a terra como parceira moral da humanidade, respondendo ao pecado com esterilidade e à justiça com abundância. Assim, o Salmo 85 apresenta uma visão teológica na qual a terra participa do drama redentor não apenas como testemunha, mas como sujeito moral e ecológico.

Essa imagem de simbiose entre céu e terra posiciona a criação como protagonista na dinâmica da salvação. Essa concepção converge com propostas ecoteológicas contemporâneas que advogam pelo valor intrínseco da criação e rompem com perspectivas antropocêntricas que a reduzem a mero recurso ou pano de fundo. Como observa Moltmann[24], a criação não é um simples cenário na história da salvação, mas uma parceira ativa no processo redentor.

Essa visão se alinha a abordagens ecoteológicas que afirmam o valor intrínseco da criação, contrapondo-se ao antropocentrismo que a trata como mero recurso. Como reforça Leonardo Boff, a terra é "mais do que um simples habitat; é nossa mãe, nossa casa comum, a portadora do sagrado".[25]

No Salmo 85, categorias como *yešaʿ* (יֶשַׁע, "salvação") e *ṣedeq* (צֶדֶק, "justiça") não são apresentadas como abstrações espirituais desvinculadas do mundo físico. Elas florescem em comunhão com uma terra viva, fértil e participante. A salvação, nesse contexto, é tanto espiritual quanto material — vertical e horizontal, celeste e terrestre.

Em síntese, o Salmo 85 desenvolve uma teologia da "terra" que a eleva de território escolhido a protagonista na economia da salvação. Essa visão estabelece os fundamentos para

[20] MOLTMANN, Jürgen. **O Deus da Criação**: A Doutrina Ecológica da Criação. 1991, p. 23–25.
[21] HABEL, Norman C. **An Ecojustice Reading of the Bible**: Room for All Creatures. 2009, p. 61–63.
[22] BRUEGGEMANN, Walter. **The Message of the Psalms: A Theological Commentary**. 1984, p. 36.
[23] DAVIS, Ellen F. **Scripture, Culture, and Agriculture**: An Agrarian Reading of the Bible. 2009, p. 44.
[24] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: Doutrina ecológica da criação. 1991, p. 28.
[25] BOFF, Leonardo. **Ecologia**: Grito da Terra, Grito dos Pobres. 1995, p. 75.

uma espiritualidade ecológica integral, na qual a restauração da criação e a redenção humana são expressões complementares da fidelidade divina que tudo vivifica.

2. Análise exegética de Salmo 85,12-13

Esta parte apresenta uma análise exegética dos versículos 12 e 13 do Salmo 85, com base no texto da BHS. O objetivo é examinar a morfologia, a sintaxe e a semântica dos termos centrais, evidenciando como a linguagem hebraica constrói uma visão teológica na qual a "terra" se revela como agente vivo e corresponsável na obra da redenção. Tal leitura lançará as bases para as conclusões ecoteológicas desenvolvidas posteriormente no artigo.

2.1 Texto e tradução

Apresentamos a seguir o texto massorético dos versículos e uma tradução proposta para facilitar a compreensão.

Tabela 1: Tradução proposta

Versículo	Texto massorético (BHS)	Tradução proposta
12	מִשָּׁמַיִם וְצֶדֶק תִּצְמָח מֵאֶרֶץ אֱמֶת נִשְׁקָף	A verdade brota da terra, e a justiça olha desde os céus.
13	תִּתֵּן וְאַרְצֵנוּ הַטּוֹב יִתֵּן גַּם־יְהוָה יְבוּלָהּ	Também o SENHOR dará o bem, e a nossa terra produzirá seu fruto.

Fonte: Elaboração do autor

2.2 Análise do versículo 12: A reciprocidade cósmica

Este versículo organiza-se em um "paralelismo sintético"[26] que associa "terra" e céu como esferas cooperativas. A construção gramatical reforça a ideia de reciprocidade cósmica, em que elementos naturais e divinos se entreolham e respondem mutuamente. Segundo Hossfeld e Zenger, "terra e céu [...] tornam-se parceiros cooperativos na realização da salvação divina".[27]

A teologia da reciprocidade sugerida pelo Salmo 85 não se limita ao plano teórico; ela pode ser vivenciada na prática através de liturgias que celebram a interdependência entre a criação e a ação divina. Essas práticas litúrgicas podem servir como um meio de integrar a

[26] O paralelismo sintético é uma organização do versículo, na qual a segunda linha responde à primeira em sentido e desenvolvimento, conforme defende James Kugel (KUGEL, James L. **The Idea of Biblical Poetry**: Parallelism and Its History. 1981, p. 12.).
[27] HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. **Psalms 2**: A Commentary on Psalms 51–100. 2005, p. 335.

teologia ecológica na vivência diária da comunidade de fé, tornando a relação entre o divino e a criação uma realidade visível e ativa.

Primeiro hemistíquio: "A verdade brota da terra" (אֱמֶת מֵאֶרֶץ תִּצְמָח *'emet me'erets titzmaḥ*).

Tabela 2: Primeiro hemistíquio, v. 12a

Elemento hebraico	Transliteração	Categoria gramatical	Significado e análise
אֱמֶת	*'emet*	Substantivo feminino singular	Significa "verdade", mas também abrange fidelidade, lealdade e verdade pactual. Como sujeito, determina a forma verbal feminina.
מֵאֶרֶץ	*me'erets*	Preposição + Substantivo	Composta pela preposição min ("de", "a partir de") e o substantivo *'erets* ("terra"). Indica que a "terra" é a fonte ativa da fidelidade, não um mero destino.
תִּצְמָח	*titzmaḥ*	Verbo *Qal* imperfeito, 3ª pessoa feminina singular	Raiz צמח ("germinar", "brotar"). Descreve uma ação intrínseca e orgânica que surge de dentro. A "terra" age como um agente que gera ativamente uma virtude teológica.

Fonte: Elaboração do autor

A "terra", nesse contexto, não é mera paisagem, mas um sujeito com capacidade geradora: a fidelidade pactuada emerge de seu seio como um processo natural e teologicamente carregado.

Segundo hemistíquio: "e a justiça olha desde os céus" (וְצֶדֶק מִשָּׁמַיִם נִשְׁקָף *wēṣedeq miššāmayim nišqāf*).

Tabela 3: Segundo hemistíquio, v. 12b

Elemento hebraico	Transliteração	Categoria gramatical	Significado e análise
וְצֶדֶק	*wēṣedeq*	Conjunção + Substantivo	Conjunção *we* ("e") mais o substantivo masculino singular *ṣedeq* ("justiça"). É o parceiro teológico natural de *'emet*.
מִשָּׁמַיִם	*miššāmayim*	Preposição + Substantivo dual	Preposição min com o substantivo dual *šāmayim* ("céus"). A preposição indica origem e cria um paralelo direto com *me'erets*, reforçando a interação cósmica.

נִשְׁקָף	*nišqāf*	Verbo *Nifal*, 3ª pessoa masculina singular	Raiz שקף (“inclinar-se para ver”). A escolha do verbo é teologicamente significativa: descreve uma observação atenta e cuidadosa, não uma imposição violenta. A justiça divina se inclina para contemplar a fidelidade gerada pela “terra”.

Fonte: Elaboração do autor

A escolha do verbo נִשְׁקָף (*nišqāf*), derivado da raiz שָׁקַף (*šāqaf*), carrega implicações teológicas relevantes: em vez de descer com força ou imposição, a justiça olha do céu com atenção graciosa, como observa o BDB,[28] sugerindo uma contemplação misericordiosa da realidade humana. Assim, a justiça se inclina responsivamente à fidelidade que brota da “terra”, numa dinâmica relacional e pacífica.

2.3 Análise do versículo 13: A sinergia da dádiva

A progressão do texto desloca-se do paralelismo entre céu e terra para uma dinâmica de ação coordenada entre YHWH e a “terra”. Ambos são apresentados como agentes complementares — um doador, o outro gerador — revelando uma sinergia fecunda de bênção.

Primeiro hemistíquio: “Também o SENHOR dará o bem” (גַּם יְהוָה יִתֵּן הַטּוֹב *gam YHWH yittēn haṭṭôv*).

Tabela 4: Primeiro hemistíquio, v. 13a

Elemento hebraico	**Transliteração**	**Categoria gramatical**	**Significado e análise**
גַּם	*Gam*	Partícula	“Também”, “certamente”. Enfatiza a ação de Deus como a fonte primária de toda a restauração.
יִתֵּן	*yittēn*	Verbo *Qal* imperfeito, 3ª pessoa masculina singular	Raiz נתן (“dar”). Estabelece a graça divina como catalisador da fertilidade.
הַטּוֹב	*haṭṭôv*	Adjetivo masculino singular com artigo definido	Adjetivo masculino singular com artigo definido, funcionando como substantivo (“o bem”). É um termo abrangente, incluindo bênçãos materiais e espirituais.

Fonte: Elaboração do autor

[28] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005, p. 1052.

O verbo *yittēn*, forma imperfeita de נָתַן (*nātan*), expressa mais do que um simples ato de conceder: trata-se de uma doação ativa, concreta e relacional. De acordo com o BDB,[29] *nātan* abrange uma ampla gama de significados ligados à ideia de entregar, oferecer ou atribuir algo de forma deliberada, incluindo elementos como terra, justiça, paz e bênção. Assim, o "bem" de Deus não é abstrato ou conceitual, mas direcionado e encarnado, voltado à realidade da "terra" e do povo.

Segundo hemistíquio: "e a nossa terra dará o seu fruto" (וְאַרְצֵנוּ תִּתֵּן יְבוּלָהּ *wē'artzênû tittēn yevûlāh*).

Tabela 5: Segundo hemistíquio, v. 13b

Elemento hebraico	Transliteração	Categoria gramatical	Significado e análise
וְאַרְצֵנוּ	*wē'artzênû*	Conjunção + Substantivo + Pronome 1ª pessoa plural	Conjunção *we* ("e") com o substantivo *'erets C*e o sufixo pronominal de 1ª pessoa do plural ("nossa terra"). O pronome estabelece uma relação de intimidade e pertencimento.
תִּתֵּן	*Tittēn*	Verbo *Qal* imperfeito, 3ª pessoa feminina singular	Mesmo verbo da raiz נתן ("dar"), mas concordando com o sujeito feminino *'artzênû*. A repetição do verbo "dar" é o ápice da teologia da reciprocidade do salmo: Deus dá (*yittēn*) e a "terra" também dá (*tittēn*). A "terra" não é um canal passivo; ela recebe o bem de Deus e, como agente, "cede" ou "dá" seu próprio produto.
יְבוּלָהּ	*yevûlāh*	Substantivo + sufixo possessivo feminino 3ª pessoa singular	Substantivo *yevûl* ("fruto", "colheita") com o sufixo possessivo de 3ª pessoa do feminino singular ("seu fruto"). O sufixo reforça a agência da "terra" na produção do fruto que lhe pertence antes de ser dado.

Fonte: Elaboração do autor

A repetição do verbo "dar" conecta a dádiva divina ao florescimento terrestre: Deus age, e a "terra" responde. A criação é parceira, não apenas recipiente.

2.4 Síntese exegética

A análise morfossintática dos Salmos 85,12-13 revela uma teologia da criação cuidadosamente construída, onde tanto Deus quanto a "terra" são agentes ativos. A linguagem

[29] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005, p. 678–681.

personifica a "terra" como um sujeito que: (1) a fidelidade emerge da "terra" como resposta orgânica ao agir divino, (2) provoca uma resposta atenta dos céus, e (3) participa de uma relação de reciprocidade com Deus, recebendo o bem e, em troca, dando seu próprio fruto.

O paralelismo não é um mero ornamento, mas a essência teológica. Como observa James Kugel, ele articula sentidos complementares, conectando justiça, terra e ação divina.[30] O uso dos termos צָמַח (*tzamaḥ*, "brotar") e יְבוּל (*yevûl*, "fruto") reforça essa associação entre ética da justiça e renovação ecológica, conforme destacado no BDB.[31] A criação participa ativamente do plano salvífico, não como cenário passivo, mas como colaboradora moral e responsiva da ação de Deus. Como afirma Habel: "A Terra não é um pano de fundo passivo para a atividade humana, mas uma participante ativa no drama moral da história bíblica".[32] Nesse sentido, a gramática poética do Salmo 85 revela uma visão integrada, onde céu e terra, divino e ecológico, se entreolham em comunhão.

Tabela 6: Síntese exegética

Aspecto	**Versículo 12**	**Versículo 13**
Tema central	Reciprocidade cósmica entre terra e céu	Sinergia da dádiva entre Deus e a terra
Agente ativo da ação	Terra (verdade brota) e justiça (olha)	Deus (dá o bem) e terra (dá o fruto)
Tipo de verbo	*Qal* imperfeito (ação orgânica e ativa)	*Qal* imperfeito (ação de dar, reciprocidade)
Relação semântica	Paralelismo e interação entre elementos	Complementaridade e cooperação entre agentes
Significado teológico	Terra como participante ativa na fidelidade e justiça	Deus como fonte da bênção; terra como produtora ativa

Fonte: Elaboração do autor

3. A "terra" em crise e a esperança de reconciliação cósmica

A terra não é apenas o espaço onde a história acontece,
mas sujeito que sofre, geme e espera pela redenção.
(Moltmann)[33]

[30] KUGEL, James L. **The Idea of Biblical Poetry**: Parallelism and Its History. 1981, p. 9.
[31] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005, p. 855, 385.
[32] HABEL, Norman C. **An Ecojustice Reading of the Bible**: Room for All Creatures. 2009, p. 61–63.
[33] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na Criação**: Doutrina Ecológica da Criação. 1993, p. 201.

Se o primeiro ponto estabeleceu a "terra" (אֶרֶץ *'erets*) como sujeito teológico ativo no Salmo 85, este tópico aprofunda sua condição no contexto da aliança, examinando-a em dois momentos contrastantes: primeiro, como uma "terra" ferida e agonizante, que sofre os impactos do pecado humano; depois, como cenário e agente de uma reconciliação cósmica — uma visão escatológica marcada pela justiça e pela paz. O Salmo 85, assim, não se limita a diagnosticar a crise ecológica e espiritual, mas aponta caminhos de restauração, oferecendo um paradigma bíblico para uma ecoteologia da esperança e da renovação.

3.1 O clamor da "terra" agonizante: A crise ecológica como questão espiritual (vv. 4-7)

A seção de lamento do Salmo 85 (vv. 4–7) articula um clamor que, lido sob uma ótica ecoteológica, transcende a angústia puramente humana. A súplica — "Restaura-nos, ó Deus de nossa salvação... Prolongarás tua ira de geração em geração?" — reflete uma crise existencial que se manifesta concretamente na "terra". Essa conexão entre pecado e degradação ecológica é um tema profético recorrente, como exemplifica Oséias 4,1–3, onde a violação da aliança resulta em luto da "terra" e sofrimento de todos os seus habitantes. Habel destaca que, nesses textos, "a Terra sofre como uma vítima inocente".[34] Richard Bauckham também observa que "o pecado, nos profetas, não é apenas uma questão humana ou espiritual — ele tem consequências ecológicas".[35] De modo análogo, o Salmo 85 sugere que a ira divina, provocada pela iniquidade, resulta em um estado de agonia que atinge toda a criação.

Essa perspectiva bíblica antecipa o argumento desenvolvido por Lynn White Jr.,[36] o qual, em seu influente ensaio "As raízes históricas de nossa crise ecológica", identificou a degradação ambiental moderna como expressão de uma crise espiritual. Para ele, a teologia ocidental, ao separar o ser humano da criação e consagrar a ideia de domínio sobre a natureza, lançou as bases ideológicas da exploração ambiental. O salmista, por sua vez, não trata a desolação da "terra" como um infortúnio secular, mas como consequência direta da ruptura da aliança entre Deus, povo e criação. Como observa Boff,[37] a crise ecológica contemporânea é reflexo de uma cosmovisão teológica disfuncional — uma visão que aliena o ser humano de sua vocação primordial de cuidado e corresponsabilidade com a "terra".

---

[34] HABEL, Norman C. **An Ecojustice Reading of the Bible**: Room for All Creatures. 2009, p. 54.
[35] BAUCKHAM, Richard. **Bible and Ecology**: Rediscovering the Community of Creation. London: Darton, Longman and Todd, 2010, p. 84-86.
[36] WHITE Jr., Lynn. **The Historical Roots of Our Ecologic Crisis. Science**, v.155. n. 3767, p. 1203–1207, 10 mar. 1967
[37] BOFF, Leonardo. **Ecologia**: Grito da Terra, Grito dos Pobres. 1995, p. 89.

A ausência perceptível de Deus (v. 6) intensifica a crise, um tema que dialoga com a teologia de Moltmann,[38] para quem a presença de Deus se encontra precisamente no sofrimento de um mundo que aguarda a redenção. A "terra", neste salmo, não é apenas o palco do pecado, mas uma vítima cujo sofrimento se une ao clamor da comunidade. Esta imagem de uma criação que geme encontra um eco direto e potente na linguagem do Papa Francisco[39] que, na encíclica "*Laudato Si'*", nos exorta a escutar tanto "o grito da terra como o grito dos pobres" (§ 49), reconhecendo que este lamento conjunto é o sintoma mais evidente de nossa falha espiritual e moral.

3.2 O beijo da reconciliação: A visão de uma harmonia cósmica (vv. 8-13)

Em resposta ao lamento, o salmista articula uma das mais belas visões de harmonia do Saltério, onde as virtudes divinas são personificadas em uma coreografia de reconciliação: "Justiça e paz se beijaram (Sl 85,11b)" (צֶדֶק וּשָׁלוֹם נָשָׁקֻרוּ *ṣedeq ûšālôm nišqərû*).

O uso do verbo hebraico נָשַׁק (*nāšaq*, "beijar") em Sl 85,11 para descrever a união entre justiça (צֶדֶק *ṣedeq*) e paz (שָׁלוֹם *šālôm*) simboliza uma reconciliação íntima, restauradora e fecunda. Segundo Hossfeld e Zenger,[40] trata-se de uma metáfora escatológica, em que o "beijo" representa a restauração plena entre Deus, o povo e a criação. Essa harmonia não é abstrata: ela ocorre quando a "verdade brota da terra" e a "justiça desponta dos céus" (v. 12), unindo céu e terra em reciprocidade viva. Essa imagem de reconciliação cósmica encontra eco em passagens como Isaías 11,6–9, onde toda a criação participa da paz messiânica. Como afirma Moltmann, "o *šālôm* é uma realidade também ecológica, que inclui a terra e seus processos naturais".[41]

Esta visão de interdependência encontra um profundo eco no pensamento de Boff. Em sua obra ele articula um modelo de "ecosofia" onde a justiça social e a justiça ambiental são inseparáveis: "A paz só é possível quando a justiça ambiental e social caminham juntas, pois o bem-estar humano e o da terra são um só".[42]

O Salmo 85 oferece um fundamento bíblico para esta tese: a verdadeira "paz" (שָׁלוֹם *šālôm*) — um estado de bem-estar holístico — só é possível onde a "justiça" (צֶדֶק *ṣedeq*) floresce, tanto nas relações humanas quanto na relação da humanidade com a "terra". Esta mesma convicção é central na encíclica "*Laudato Si*'" do Papa Francisco,[43] que afirma que "não

[38] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: Doutrina ecológica da criação. 1991, p. 115.
[39] FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum**. 2015, § 49.
[40] HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. **Psalms 2**: A Commentary on Psalms 51–100. 2005, p. 338–340.
[41] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na Criação**: Doutrina ecológica da criação. 1991, p. 76.
[42] BOFF, Leonardo. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres**. 1995, p. 75.
[43] FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum**. 2015, § 149.

há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental" (§139).

3.3 Implicações para uma ética e liturgia ecológicas

A teologia do Salmo 85 não se limita a uma descrição poética, ela oferece um fundamento para a práxis cristã. Ao apresentar a "terra" como sujeito ativo na redenção, o salmo desafia visões antropocêntricas e instrumentais da criação, promovendo uma ética ambiental baseada na aliança e na reciprocidade, como defendido por teólogos como Habel, "Já não lemos mais como administradores sobre a criação, mas como parentes, membros da comunidade da Terra".[44]

Do ponto de vista litúrgico, o Salmo 85 pode inspirar rituais de reconciliação ecológica, especialmente em tempos de crise climática ou colapso ambiental. Segundo Brueggemann,[45] trata-se de um salmo comunitário, adequado a contextos em que se busca reconstruir uma ordem justa e pacífica. Habel[46] propõe o uso de textos como este em liturgias penitenciais ecológicas, nas quais se confessem os pecados contra a "terra" e se celebrem bênçãos sobre o solo, as sementes e as águas. Como observa Moltmann,[47] a fertilidade da "terra" é expressão visível da fidelidade divina, e cuidar dela é uma forma de culto. Em última análise, o Salmo 85 apresenta um chamado à participação ativa no encontro entre justiça e paz, com vistas à construção de um mundo onde a glória de Deus habite em uma "terra" restaurada e reverenciada.

4. A "terra" como espaço da justiça e paz divina

A "terra" é o sacramento da fidelidade divina: onde há justiça, ela responde com frutos.
(Inspiração baseada em Isaías 55,10–13 e Salmo 85)

Após o diagnóstico da "terra" ferida e agonizante apresentado no tópico anterior, este ponto volta-se para a contraparte esperançosa e restauradora que o Salmo 85 delineia em seus versículos finais. O salmo não se encerra no lamento, mas se desdobra em uma proclamação de renovação, na qual a "terra" deixa de ser espaço de sofrimento e se torna lugar de manifestação da fidelidade divina. O texto poético projeta uma criação transformada pela ação salvífica de Deus. Este capítulo examinará três dimensões centrais dessa renovação: a "terra" como

[44] HABEL, **Norman C. Readings from the Perspective of Earth: Earth Bible vol. I**. 2000, p. 26.
[45] BRUEGGEMANN, Walter. **The Message of the Psalms**: A Theological Commentary. 1984, p. 35.
[46] HABEL, Norman C. **An Inconvenient Text**: Is a Green Reading of the Bible Possible? 2009, p. 53.
[47] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na Criação**: Doutrina ecológica da criação. 1991, p. 73.

santuário da glória divina, como espaço onde a "paz" (לוֹמשָׁ *šālôm*) se realiza, e como fonte de vida que, em resposta à justiça de Deus, produz frutos com generosidade e vitalidade.

4.1 A "terra" como santuário da presença divina (v. 10)

A base para toda a restauração descrita no salmo é a promessa do retorno da presença de Deus. O propósito da salvação iminente é explicitado no versículo 10: "para a glória morar em nossa terra" (לִשְׁכֹּן כָּבוֹד בְּאַרְצֵנוּ *liškôn kāvôd be'artzênû*)

A "glória do SENHOR" (כְּבוֹד יְהוָה *kāvôd YHWH*) não é uma força abstrata, mas a manifestação tangível e poderosa da presença de Deus, conforme descrito em Êxodo 40,34, onde a glória enche o Tabernáculo. Segundo o BDB,[48] o substantivo כָּבוֹד (*kāvôd*) carrega o sentido primário de "peso" ou "honra", e por extensão, refere-se à majestade resplandecente e perceptível de Deus, especialmente nas teofanias.

Ao afirmar que a glória "habitará em nossa terra" (Sl 85,10), o salmista eleva a "terra" à condição de santuário, fazendo eco às promessas de Ezequiel 43,7 ("habitarei entre os filhos de Israel para sempre") e à visão escatológica de Apocalipse 21,3, onde "Deus armará sua tenda com os homens". Para Moltmann, isso aponta para uma teologia em que "a presença de Deus é cosmológica, não apenas eclesiológica, a criação é habitada pela glória divina de forma contínua e soberana".[49] Salmos como o 24 e o 104 já celebram essa teofania cósmica, e o Salmo 85 a ancora no solo concreto da nação restaurada.

4.2 A "terra" como espaço da paz (*šālôm*) plena (v. 11)

A consequência direta da presença de Deus e do restabelecimento da justiça é a paz. O salmista descreve essa realidade com uma das imagens mais marcantes do Saltério: "Justiça e paz se beijaram (Sl 85,11b)" (צֶדֶק וּשָׁלוֹם נָשָׁקֻרוּ *ṣedeq ûšālôm nišqərû*).

A "paz" (שָׁלוֹם *šālôm*) aqui transcende a mera ausência de guerra, segundo o BDB,[50] o termo abrange completude, bem-estar, harmonia relacional e integridade da vida. É a expressão da vida em equilíbrio com Deus, com o próximo e com a criação. A "terra" é o palco onde esse *šālôm* se manifesta de forma visível. O "beijo" entre "justiça e paz" descreve uma cena quase litúrgica, na qual os atributos divinos se encontram para gerar ordem e harmonia no cosmos. De acordo como explica Habel, "O conceito de *šālôm* na Bíblia engloba a cura de toda a criação, restaurando a relação do homem não somente com Deus, mas com todas as esferas da vida".[51]

---

[48] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005. p. 458, 1014.
[49] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. 1991, p. 88.
[50] BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. 2005. p. 1022.
[51] HABEL, Norman C. **Readings from the Perspective of Earth**: Earth Bible vol. I. 2000, p. 112.

Esta visão se alinha perfeitamente com a máxima profética de Isaías 32,17: "A realização da justiça será a paz (*šālôm*)". Em uma perspectiva ecoteológica, é crucial notar que a "terra" não é um cenário neutro ou mudo, ela é uma participante ativa nesta paz restaurada, um ambiente que reflete e sustenta a harmonia da aliança.

4.3 A "terra" como palco da redenção (vv. 12-13)

A visão de restauração no Salmo 85 atinge seu ponto culminante na imagem da "terra" que, em resposta à justiça divina, floresce com vida e abundância. A frutificação vai além de um símbolo poético, mas a manifestação mais concreta e visível da bênção de Deus — o resultado físico e observável de uma aliança renovada. Nos versículos finais (vv. 12–13), o salmista entrelaça a ação do céu e a resposta da "terra" em uma reciprocidade indissolúvel, revelando uma criação viva, dinâmica e profundamente vinculada ao Criador.

A frutificação da "terra", nos versículos finais do Salmo 85, representa a resposta concreta da criação à fidelidade divina. A "terra" (אֶרֶץ *'erets*) vai além de um espaço restaurado, mas um sujeito ativo da aliança — um agente vivo que, em reconhecimento à justiça e ao bem concedido por Deus, responde com generosa fecundidade. A expressão "para que nossa terra conceda (dar) a produção dela" (וְאַרְצֵנוּ תִּתֵּן יְבוּלָהּ *we'artzênu tittēn yevûlāh*) ultrapassa a ideia de mera prosperidade agrícola: ela simboliza o renascimento da ordem criada, uma nova harmonia entre o céu e o solo.

Em diversos trechos das Escrituras, a fertilidade da "terra" é apresentada como sinal tangível da bênção de Deus e da criação operando em harmonia com sua vocação original (Dt 28,4; Sl 67,6). No Salmo 85, essa renovação do solo sugere não apenas a restauração ecológica, mas também uma possível reversão simbólica da maldição proferida no Éden (Gn 3,17), apontando para o restabelecimento da promessa divina de sustento contínuo e fidelidade à "terra" (Gn 8,22). Como observa Davis, há uma ligação direta e ética entre a justiça humana e a vitalidade da "terra": "A fertilidade da terra está atrelada à justiça do povo: onde há justiça, florescimento vegetal; onde há injustiça, desolação".[52]

A força dessa teologia repousa na reciprocidade, evidenciada no uso intencional do verbo "dar" (תֵּן, do radical hebraico נָתַן *nātan*). No versículo 13, tanto Deus quanto a terra "dão": "o SENHOR dará o que é bom" (יִתֵּן הַטּוֹב *yitten haṭṭôv*) e "nossa terra dará o seu fruto" (תִּתֵּן יְבוּלָהּ *tittēn yevûlāh*). O paralelismo destaca a doação mútua entre Deus e a "terra": enquanto Deus oferece a bênção, a "terra", em resposta, não é forçada a produzir, mas gera abundantemente, refletindo a reciprocidade entre o divino e a criação.

[52] DAVIS, Ellen F. **Scripture, Culture, and Agriculture: An Agrarian Reading of the Bible**. 2009, p. 58.

Essa ligação indissociável entre a restauração moral da comunidade (צֶדֶק *ṣedeq*) e a frutificação da "terra" expressa o cerne de uma teologia bíblica da reciprocidade. A justiça e a fertilidade não são esferas distintas, mas manifestações simultâneas de uma aliança renovada. A saúde do povo e a saúde da "terra" são espelhos um do outro. Assim, no horizonte do Salmo 85, a salvação assume uma dimensão integral: é espiritual e ecológica, celeste e terrestre — uma reconciliação que abraça toda a criação.

Considerações finais

"Os Salmos são uma linguagem alternativa para imaginar uma ordem justa, na qual a terra floresce e Deus habita no meio de seu povo". (Brueggemann)[53]

Ao longo desta análise do Salmo 85, a "terra" (אֶרֶץ *'erets*) transcendeu a sua condição de mero chão ou geografia para se revelar como o cenário vivo da aliança, o sinal da presença divina e um agente responsivo da justiça. A jornada interpretativa demonstrou como o salmo eleva teologicamente a "terra", do *status* de território ferido à dignidade de sujeito da redenção. O Salmo evoca a memória do favor divino, expressa o clamor por restauração no presente e antecipa uma esperança escatológica em que céu e "terra" se reconciliam. A densa teologia que brota deste solo sagrado pode ser sintetizada em três atos interdependentes.

Primeiro, o estudo destacou a "terra" como memorial da graça. Nos versículos iniciais (v. 4-7), o salmo ancora sua esperança na recordação da ação salvífica de Deus. A "terra" é apresentada não apenas como um espaço geográfico, mas como testemunho vivo do perdão divino — um sinal concreto de que a aliança, outrora rompida, foi restaurada por iniciativa do próprio Deus.

Em segundo lugar, apontou-se a "terra" como horizonte da esperança. O clamor por uma salvação plena culmina no anseio pela presença gloriosa de Deus: "para a glória morar em nossa terra" (v. 10). A "terra" é aqui o lugar da teofania, o espaço sagrado onde a comunhão entre criador e criação se realiza. A esperança bíblica, nesse sentido, não se limita a abstrações celestiais, mas se ancora na realidade concreta da "terra" restaurada.

Por fim, os versículos 11 a 14 revelam a proposição mais radical do salmo: a "terra" como berço da justiça. A cena poética em que "a verdade brota da terra, e a justiça olha desde os céus" projeta uma visão de reciprocidade cósmica. A "terra" deixa de ser apenas destinatária da graça divina e passa a ser agente ativa de resposta: um solo que floresce em fidelidade,

[53] BRUEGGEMANN, Walter. **The Message of the Psalms: A Theological Commentary**. 1984, p. 25.

verdade e fruto. Defende-se, assim, que a saúde da comunidade humana e a saúde da "terra" são realidades inseparáveis.

Essa perspectiva sobre a "terra" sustenta uma ecoteologia bíblica que reconhece a criação não como coadjuvante, mas como participante relevante e corresponsável no drama da salvação. O Salmo 85 apresenta a "terra" como santuário da glória, espaço da paz (*šālôm*) e expressão visível da fidelidade divina. Em síntese, essa leitura convida à reconfiguração das fronteiras entre o espiritual e o material, ao afirmar que a "terra" não é mero apêndice da salvação, mas seu palco, parceira e sinal concreto. Diante do colapso ecológico que marca o tempo presente, a voz do salmista adquire um caráter profético, convocando à redescoberta de uma fé enraizada no chão e à participação ativa no processo de reconciliação entre céu e terra.

O Salmo 85, portanto, não apenas rememora um chão restaurado, mas projeta um horizonte escatológico no qual justiça e paz se abraçam — símbolo e sinal de um futuro prometido, em que a criação redimida responde à fidelidade divina com frutos de esperança. Mais do que uma imagem poética, o salmo oferece uma base teológica robusta para uma prática cristã comprometida com a justiça ecológica como expressão concreta da fé. Nesse horizonte, o Salmo 85 não apenas interpreta a "terra" como cenário sagrado da salvação, mas também como sacramento escatológico da fidelidade de Deus que renova todas as coisas.

Referências

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA português: **A BÍBLIA**. São Paulo: Editora Paulinas, 2023.

BAUCKHAM, Richard. **Bible and Ecology**: Rediscovering the Community of Creation. London: Darton, Longman and Todd, 2010.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: Grito da Terra, Grito dos Pobres. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2005.

BRUEGGEMANN, Walter. **The Land: Place as Gift, Promise, and Challenge in Biblical Faith**. 2. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2002.

BRUEGGEMANN, Walter. **The Message of the Psalms**: A Theological Commentary. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984.

DAVIS, Ellen F. **Scripture, Culture, and Agriculture**: An Agrarian Reading of the Bible.

Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum**. Brasília: Edições SM, 2015.

FRETHEIM, Terence E. **God and World in the Old Testament**: A Relational Theology of Creation. Nashville: Abingdon Press, 2005.

HABEL, Norman C. **An Ecojustice Reading of the Bible**: Room for All Creatures. Cleveland: Pilgrim Press, 2009.

HABEL, Norman C. **An Inconvenient Text**: Is a Green Reading of the Bible Possible? Adelaide: ATF Press, 2009.

HABEL, Norman C. **Readings from the Perspective of Earth**: Earth Bible vol. I. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.

HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. **Psalms 2**: A Commentary on Psalms 51–100. Translated by Linda M. Maloney. Minneapolis: Fortress Press, 2005.

KUGEL, James L. **The Idea of Biblical Poetry**: Parallelism and Its History. New Haven: Yale University Press, 1981.

McFAGUE, Sallie. **The Body of God**: An Ecological Theology. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: Doutrina ecológica da criação. Tradução de Mário Spilack. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus crucificado**: A cruz de Cristo como fundamento e crítica da teologia cristã. Tradução de Mário Spaki. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. Tradução de Helmut Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 2023.

WHITE Jr., Lynn. **The Historical Roots of Our Ecologic Crisis. Science**, v. 155, n. 3767, p. 1203–1207, 10 mar. 1967.

Recebido em: 13/08/2025
Aprovado em: 25/10/2025